

### **As manifestações do fatalismo de jovens em condições de pobreza no Brasil<sup>1</sup>.**

Este artigo objetiva analisar as manifestações do fatalismo por jovens em condições de pobreza. Embora transcorrido tempo significativo da obra de Martín-Baró, ainda há, na atualidade, elementos que corroboram para a disseminação do fatalismo enquanto fenômeno psicossocial associado à atribuição da vontade divina como elemento responsável pelos fatos cotidianos. Realizou-se dois grupos focais com jovens, totalizando doze participantes do Projeto Jovem Aprendiz e que se encontram em situação de pobreza. As manifestações das atitudes fatalistas pelos jovens congregaram: a crença no sucesso como resultante do esforço individual e da vontade divina; descrença nas instituições sociais; construção de propósitos de vida ligados às aspirações pessoais; calma aparente; silenciamento e distanciamento emocional diante de situações desagradáveis e incômodas. Percebe-se que é o clima de incerteza e indefinição de uma vida marcada pela pobreza que assegura a podem reforçar o fatalismo, sendo necessário empreendermos ações que provam caminhos libertários para a juventude pobre.

**Palavras-chave:** Fatalismo, juventude, pobreza.

#### **Autores:**

##### **Elívia Camurça Cidade**

Psicóloga. Mestre em Psicologia (Universidade Federal do Ceará). Professora Substituta da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Faculdade de Educação de Itapipoca. Itapipoca, Ceará.

##### **Verônica Moraes Ximenes**

Psicóloga. Doutora em Psicologia (Universidade de Barcelona). Professora da Graduação e Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Departamento de Psicologia. Fortaleza, Ceará. Bolsista em Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

**e-mail:** [elivia\\_nucom@yahoo.com.br](mailto:elivia_nucom@yahoo.com.br), [vemorais@yahoo.com.br](mailto:vemorais@yahoo.com.br)

**Recibido:** 30 de Septiembre 2012 **Aceptado:** 29 de Noviembre 2012

**Citación:** Cidade, E. & Ximenes, V. (2012). As manifestações do fatalismo de jovens em condições de pobreza no Brasil. *Revista Latinoamericana de Psicología Social Ignacio Martín-Baró*, 1(1), pp. 80-102. [www.rimb.cl/camurca\\_&\\_moraes.html](http://www.rimb.cl/camurca_&_moraes.html).

**Dirección:** [www.rimb.cl/camurca\\_&\\_moraes.html](http://www.rimb.cl/camurca_&_moraes.html)

### **The manifestations of fatalism of youth in poverty in Brazil.**

This article aims at analyzing the manifestations of fatalism by young people in poverty. Although significant time lapse of Martín-Baró, there is, at present, elements that support for the dissemination of fatalism while psychosocial phenomenon associated with the assignment of the divine will as responsible for the everyday facts. Two focus groups were conducted with young people, with a total of twelve participants of the project Young Apprentice who are in poverty. The manifestations of fatalistic by young people gathered: the belief in success as a result of individual effort and divine; disbelief in social institutions; construction of life purposes connected with personal aspirations; apparent calm; silencing and emotional detachment in the face of unpleasant and uncomfortable situations. Realizes that it is the climate of uncertainty and vagueness of a life marked by poverty which ensures they can strengthen the fatalism and should undertake actions that prove libertarian paths for poor youth.

**Key words:** Fatalism, youth, poverty.

## **Introdução**

O presente estudo se orienta para a discussão do fatalismo enquanto fenômeno psicossocial abordado, inicialmente, nas obras de Ignacio Martín-Baró (1984, 1995, 1998), como característico de um modo de compreensão da existência humana pelo povo latino-americano, segundo a qual o destino humano já está predeterminado e todo fato ocorre de modo inevitável. De acordo com esta compreensão, o fatalismo engendra comportamentos, idéias e sentimentos de modo a permitir que os sujeitos reajam aos conseqüentes esforços frustrados em mudar o curso da vida. No imaginário dos indivíduos, são formulados conjuntos de leis, justificativas e modelos explicativos com o interesse de dar conta de uma realidade, que parece impossível de ser transformada após inúmeros investimentos fracassados.

A consideração das especificidades do contexto de elaboração da obra de Martín-Baró, marcado pela guerra civil vivida pelo povo de El Salvador, contribui para uma análise coerente dos conceitos por ele apresentados. Embora transcorridas, aproximadamente, três décadas da formulação das concepções sobre o fatalismo, a necessidade de sua rediscussão, tal como apresentado por Blanco y Díaz (2007), fornece subsídios para que seja possível enfatizar que, mesmo em ausência de um contexto de guerra civil, são os elementos de insegurança comuns a um contexto de guerra psicológica que contribuem para a perpetuação das manifestações do fatalismo.

Blanco y Díaz (2007) apresentam uma leitura das manifestações do fatalismo no mundo atual marcado pelo clima de incerteza, e indefinição diante dos acontecimentos, características estas comuns ao que Martín-Baró (1988, 2003) descreveu como sendo oriunda das situações de insegurança vividas em contextos de guerra psicológica. Trata-se do que se pode designar de fatalismo individualista, que é uma estratégia de adaptação às contingências aleatórias, às ameaças incontroláveis; e de fatalismo coletivista, caracterizado pela aceitação passiva de um destino inevitável emanado de uma força natural ou sobrenatural.

As sociedades contemporâneas compartilham, assim, novos riscos, tais como a violência, os desastres naturais, o desemprego, a exclusão social dentre outros, que perpetuam aspectos cada vez mais individualistas. Eles se manifestam no cotidiano dos indivíduos por meio do desenvolvimento de atitudes fatalistas que, tal como próprio dos estudos sobre atitudes em psicologia social podem ser expressos em termos de idéias, sentimentos e comportamentos.

O fatalismo contemporâneo, nesse sentido, reflete não apenas a realidade dos povos que possuem um desenvolvimento econômico débil. Ao contrário, ele teimosamente se torna visível em sociedades altamente desenvolvidas (Blanco y Díaz, 2007).

No que tange aos jovens, Borreli, Rocha y Oliveira (2009) mencionam seus discursos fatalistas como reforçadores de construções de visões de mundo paradoxais, nas quais as escolhas são quase um fardo, tendendo mais facilmente para a indicação de um caminho negativo. A própria tentativa de caracterização da juventude, costumeiramente, está associada a diversas problemáticas sociais, como a marginalidade juvenil (Calimam, 2008); abuso de álcool e drogas; gravidez precoce; comportamentos anti-sociais; desinteresse pelos estudos; infrações ilegais; violência (Bastos *et al.*, 2008). Um movimento contrário, de consideração das experiências, percepções, formas de sociabilidade e atuação dos jovens, conforme afirma Abramo (1997), ainda é recente.

Nesse sentido, a juventude latino-americana convive diariamente com os conflitos originados pela sua idealização, enquanto momento áureo de transição entre os cuidados familiares e o anúncio da inserção nas responsabilidades do mundo adulto. Forjados nas periferias dos centros urbanos, os jovens que compartilham situações de privação convivem com inúmeros paradoxos (Hoppenhayn, 2004), que refletem as contradições existentes entre a idealização juvenil e a realidade a eles oferecida.

A pobreza na América Latina “é evidenciada em suas ramificações sociais, políticas, estruturais e ideológicas” (Cidade, Moura Júnior y Ximenes, 2012, p. 89). Ela se expressa em diversos âmbitos cotidianos, não apenas por meio da insuficiência de renda para aquisição de bens, mas, sobretudo, à medida que os sujeitos não encontram caminhos para transformar meios em funcionalidades (Sen, 2002). Dessa forma, a pobreza impõe seus riscos ao expor os jovens à situações de privação, abandono, agressão e vulnerabilidade.

Eles são moradores de territórios duplamente estigmatizados pela pobreza e violência (Bezerra, 2011) e encontram as mais variadas formas de demonstrar seus desgostos. Eles desenvolvem estratégias de sociabilidade e visibilidade, buscam alternativas para lidar com o sofrimento psíquico decorrente da vida em situação de insegurança. Estes caminhos alternados, dentre os quais é destacado o fatalismo, nem sempre são facilmente reconhecidas como estratégia de enfrentamento e mecanismo de denúncia às circunstâncias de opressão que vivenciam.

Percebe-se que o fatalismo manifesto pelos jovens pobres possui raízes nas vivências desses sujeitos em condições de pobreza, que acentuam a incidência dos riscos inerentes à vida em privação, e a sua inserção em um ambiente social caracterizado pelo individualismo, pela violência, instabilidade financeira e perpetuação de ideais de consumo. Diante de uma realidade que parece ser imutável, a atribuição da responsabilidade dos fatos cotidianos a uma entidade divina, tal como denunciado por Martín-Baró (1998), denuncia o caráter de elemento apaziguador das tensões sociais e do sofrimento psíquico oriundo da insegurança de viver na pobreza presente na manifestação do fatalismo.

Nesse sentido, o presente estudo, que tem como objetivo apresentar a análise das manifestações do fatalismo por jovens em condições de pobreza. Demonstra sua relevância ao propor discussões relacionando o fatalismo, enquanto categoria e fenômeno psicológico, à juventude, área fomentadora de grandes discussões devido à urgência de serem pensadas alternativas para transpor os riscos cotidianos anunciados aos jovens latino-americanos.

Acredita-se que desvelando questões relacionadas ao fatalismo avanços se darão para compreensão desta categoria como aspecto amplo que reflete dimensões psicossociais, econômicas e ideológicas, assim como poderá ser colocado em debate a maneira como o cotidiano pode vir a favorecer o desenvolvimento de pensamentos libertários e não-fatalistas pelos jovens latino-americanos.

### **Método**

Este estudo, fundamentado em uma perspectiva qualitativa, considera o caráter histórico com que os fenômenos são concebidos (Minayo, 2008) e concebe os sujeitos da pesquisa como capazes de desenvolver modos específicos de percepção e interpretação do mundo (Bosi y Mercado, 2007). Embora Freitas (2002) defenda que, durante a pesquisa, o pesquisador passa a fazer parte da situação analisada, é relevante destacar que em situações de estudo marcadas por contextos sociais extremos, os estranhamentos e dificuldades do pesquisador que não habita aqueles *locus* de estudo são, na verdade, dados de pesquisa que podem, inclusive, favorecer o aprofundamento e compreensão das especificidades presentes naquele contexto de pesquisa. Além disso, empreender uma pesquisa tendo como recorte a juventude coloca para o pesquisador a necessidade de que as especificidades do lugar ocupado por este público na sociedade e na cultura sejam observadas (Castro, 2008).

A pesquisa, submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFC e aprovada segundo Protocolo COMEPE n°. 017/11, foi realizada em Fortaleza, capital do estado do Ceará (Brasil), junto aos jovens participantes do Projeto Jovem Aprendiz, desenvolvido pela organização não-governamental Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMCBJ). O bairro do Bom Jardim região na qual está localizada a sede das ações do MSMCBJ, está situado na periferia sudoeste fortalezense e é caracterizado como um dos bairros mais populosos desta cidade, contabilizando cerca de 230 mil habitantes. É cenário de diversas problemáticas sociais e compartilha de “[...] precariedade na infra-estrutura e grande demanda de serviços que propiciem melhores condições de vida à população, que se encontra em situações de risco e de vulnerabilidade social” (Ribeiro, 2008, p. 60). Possui, ainda, Índice de Desenvolvimento Humano Municipal por Bairro (IDHM-B) igual à 0,403 e ocupou, nos anos de 2007 e 2009, a primeira posição entre os vinte bairros com maior incidência de homicídios em Fortaleza (Universidade Estadual do Ceará, 2011).

O Projeto Jovem Aprendiz, formalizado nacionalmente por meio da sanção da Lei n°. 10.097 (Brasil, 2000), mais conhecida como ‘Lei do Aprendiz’, estabelece que as empresas privadas de qualquer natureza devem possuir, no quadro de funcionário, uma porcentagem entre 5% e 15% de jovens aprendizes, com idade entre 14 e 24 anos. Para tanto, o jovem necessita estar inscrito em curso ou programa de aprendizagem desenvolvido por instituições e, caso não tenha concluído o ensino fundamental ou médio, deve estar matriculado e freqüentando a escola. No Grande Bom Jardim, as ações do Projeto Jovem Aprendiz realizado pelo MSMCBJ foram iniciadas em 2008 através do desenvolvimento de cursos de formação envolvendo, em sua grande maioria, jovens residentes na Região.

Uma vez que se considera que não existe uma vivência homogênea da pobreza, segundo a qual todos os jovens sujeitos habitantes de um determinado território experienciam as mesmas condições de privação, foi elaborado Questionário Sócio-Econômico, a partir do Índice de Pobreza Multidimensional - IPM (PNUD, 2010), a fim de selecionar os jovens que possuíam maiores incidências de privação segundo as dimensões estabelecidas no Índice (saúde, educação, padrão de vida). O Questionário foi aplicado com os quarenta e nove participantes do Projeto, dentre eles, pode-se perceber que aproximadamente 93,6% dos jovens participantes do Projeto Jovem Aprendiz possuíam privação em pelo menos uma dimensão do IPM, podendo os sujeitos estar em risco ou em pobreza multidimensional.

Foi realizado grupo focal, que pode ser considerado como um tipo de entrevista grupal, segundo o qual há indivíduos reunidos em torno de um tema ou foco comum (Bauer y Gaskell, 2002). Os sujeitos selecionados possuíam idade entre 17 e 22 anos, participavam regularmente das atividades do Projeto e possuíam, segundo observado após aplicação do Questionário, privação em uma das dimensões saúde, educação e padrão de vida, conforme indicadores do IPM. Foram, então, selecionados doze jovens participantes do Projeto no turno da manhã e dezessete jovens do turno da tarde. Contudo, estiveram presentes nos dois grupos focais doze jovens, sendo seis em cada turno. Os nomes fictícios utilizados para designá-los foram escolhidos por eles em momentos posteriores aos grupos<sup>2</sup>. Dentre os jovens, cinco se encontravam em privação, seis em risco de pobreza multidimensional e uma jovem em situação pobreza nas dimensões saúde, educação e padrão de vida.

A análise do material obtido durante o processo de pesquisa foi realizada com auxílio do *software* Atlas Ti 5.2<sup>3</sup>, que consiste em uma ferramenta tecnológica para análise qualitativa mediada pelo computador (Bauer y Gaskell, 2002), possibilitando o armazenamento de informações e o registro do processo de categorização e análise realizado pelo pesquisador. Nesse sentido, a Análise de Conteúdo do Tipo Temática de Laurence Bardin (2011), enquanto fundamentação metodológica de análise de dados, foi potencializada com uso do Atlas Ti 5.2, sobretudo por haver similaridades entre o processo de desenvolvimento desta proposta de análise e a utilização da ferramenta tecnológica, que potencializa a organização dos conteúdos.

### **Considerações sobre o fatalismo**

Para Martín-Baró (1998), a disseminação do fatalismo não encontra seus elementos fundamentais apenas nos valores difundidos no foro familiar, mediante certa herança paterna, mas sim, como fruto de sua experiência frente à sociedade marcada pela pobreza, pela desigualdade social e pela constante perpetuação de ideais de culpabilização. Os recorrentes esforços frustrados em mudar o curso da vida acabam por criar, no imaginário dos indivíduos, um conjunto de leis, justificativas e modelos explicativos a fim de dar conta dessa realidade que se apresenta aparentemente cristalizada.

Há uma ordem já estabelecida, exercida em função da vontade divina, que é a grande responsável pelo destino dos sujeitos.

Tal alternativa encontrada pelo sujeito de atribuir as leis da natureza as causas de seu sofrimento se configura como um modo psicologicamente mais fácil de lidar com esta dor (Jaspard, 2004). Assim como mencionado por Martín-Baró (2003), embora frente a fatos de caráter traumatizante a criança reaja de modo imediato e sob fortes elementos emocionais (gritos, lamentos, terror), lhe é conveniente a adoção, em momentos seguintes nos quais se perpetuem essas condições, de padrões relativamente estáveis de insensibilidade emocional. É, portanto, o excessivo custo emocional das experiências vividas pelos indivíduos que os leva a uma desensibilização defensiva que, sob certos aspectos, os faz parecer como frios, insensíveis, e ainda carentes de emoções na vida cotidiana. João exemplifica este aspecto ao narrar o comportamento adotado diante dos recorrentes pedidos de esmola que presenciava na comunidade. Segundo participante João, *Antigamente eu renegava um pouquinho, se pedissem alguma coisa pra mim eu dava uma de mudo [risos]. Mas hoje em dia quando vejo, ajudo, pois comecei a ver minha vida totalmente diferente depois disso aí. Se eu puder, o que eu tiver, eu ajudo).*

A aparente indiferença frente à súplica do outro, na verdade, expressa a tentativa de se resguardar perante uma circunstância que não se sente capaz de mudar. O caminho alternativo para o silêncio, originado da experiência de inserção de João em um grupo religioso, foi o pesar e a autculpabilização, que, juntos, também são elementos de expressão do fatalismo. Karla, por sua vez, traz elementos para a compreensão do distanciamento que origina um custo emocional para entrar em contato com fatos dolorosos do cotidiano.

*Eu chego a me tocar que a pessoa se despediu no outro dia que eu começo a sentir falta. No outro dia eu percebo que foi embora mesmo. Não sou de sentir a emoção na hora, por isso acabo chorando depois do que acontece. Velório, todo mundo lá chorando, eu não vou tá sorrindo, mas chorando eu não vou tá. Aí no outro dia, ou quando tá terminando o velório... (Karla).*

Nesse sentido, uma vez inserido em uma circunstância de pobreza, os elementos culturais estabelecidos frente a esta situação se encarregariam de disseminar processos de desensibilização e de distorção da compreensão dos indivíduos sobre o cotidiano. O fatalismo manifesta-se como uma profecia realizadora de algo já anunciado, deformando o fato e o restringindo a unidades de análise suportáveis para o indivíduo. Os círculos pré-determinados aparecem, para os jovens pesquisados, como justificativa para a perpetuação do tráfico na comunidade. De acordo com Maria, *"Se uma pessoa nasce numa família em que o certo é traficar, é viver do tráfico, ela vai crescer naquela achando que a vida "aí que ganhar dinheiro é fácil", é rápido, é uma porta fácil. Ela vai crescer com aquele pensamento".*

A compreensão da realidade como uma profecia que segue traz como risco o círculo de manutenção da cultura da pobreza, pois, frente ao fracasso em alcançar a mudança e a conseqüente desistência em empreender esforços para sair dessa situação, instaura-se o que Martín-Baró (1998) designa como impotência ou desesperança aprendida. Esta, mesmo em ocasiões nas quais houvesse a mudança e evolução das condições sociais, manteria a indolência<sup>4</sup> fatalista. Em outras palavras, afirma Martín-Baró (1998):

(...) una vez establecida 'la cultura de la pobreza', en ella radicará la causa del fatalismo de la población, independientemente de que las condiciones sociales cambien o no. El fatalismo echaría sus raíces en el psiquismo de las personas más que en el funcionamiento de las estructuras económicas, políticas y sociales (p. 89).

Enquanto forma adaptativa, o fatalismo se configura como caminho viável aos indivíduos para aceitação de condições de vida causadoras de sofrimento, podendo estar, na égide fatal, a incerteza, a insegurança, a resignação, a conformidade e a apatia, que representam maneiras encontradas pelos sujeitos de entrar em contato com a realidade (Blanco y Díaz, 2007). Luana exemplifica esta situação ao narrar o distanciamento emocional como alternativa para conseguir dar prosseguimento as suas atividades cotidianas. Segundo ela: "*Não gosto muito de falar... Se eu for parar pra pensar em tudo o que eu faço, aí eu começo a pensar em tudo, começo a sofrer, a chorar, então procuro não pensar muito, não lembrar da minha vida. [voz chorosa]*".

Embora não determine uma completa rigidez mental, o fatalismo influencia profundamente os modos de estruturação do psiquismo dos indivíduos ao interferir na maneira com que os sujeitos compreendem os fenômenos e encontram alternativas para superar os problemas advindos de situações complexas. Há, em certos momentos, a dificuldade de construção de uma cadeia lógica de compreensão dos fatos à medida que o processo histórico que o ocasionou é ignorado ou distorcido pelos sujeitos.

No entanto, vale ressaltar os indicativos da existência de expressões distintas de fatalismo, que foram agravadas segundo as circunstâncias sócio-econômicas vividas pelos indivíduos. A associação entre o fatalismo e a incapacidade do indivíduo em reagir frente aos estímulos cotidianos culminaria em afirmações negligentes, pois reduziria o fatalismo a modos específicos de manifestação, negando, inclusive, aquilo que poderia ser a sua expressão mais taciturna e perniciosa: a alienação.

No Brasil, a escala em sua versão final contou com um total 24 itens, os quais se organizaram nos fatores supracitados. Conforme afirma Lane (1984), em circunstâncias nas quais há a alienação, ocorre que a consciência dos indivíduos é reificada, transformada em coisa, "(...) negando-se como processo, ou seja, mantendo a alienação em relação ao que ele é como pessoa e, conseqüentemente, ao que ele é socialmente" (p.42).

### **Fatalismo em jovens pobres**

Blanco y Díaz (2007) consideram que, embora tradicionalmente associado aos contextos culturalmente marcados pelo coletivismo e por um desenvolvimento econômico débil, na atualidade, o fatalismo

(...) acompaña también la vida de las personas pertenecientes a culturas individualistas que viven dentro de un contexto económico altamente desarrollado y hasta opulento, y se nos muestra como un estado anímico de incertidumbre, inseguridad e indefensión frente a los acontecimientos que caracterizan la sociedad del riesgo global (Blanco y Díaz, 2007: 552).

Tal afirmação condiz com a necessidade de contextualização histórica do fatalismo enfatizada por Martín-Baró (1998) e que permite uma visão da atualidade do fenômeno segundo as condições econômicas, políticas e sociais contemporâneas. De acordo com esta compreensão, atualmente o fatalismo possui um rosto bifronte, ao se configurar ao mesmo tempo como uma estratégia de adaptação, que representa o fatalismo individualista, e aceitação resignada e passiva do destino, relativa ao fatalismo coletivista (Blanco y Díaz, 2007).

O fatalismo individualista, assim, pode ser entendido como uma estratégia de adaptação prática a um modelo de sociedade marcado por ameaças, convertidas não poucas vezes em realidade; caracterizado por diversos riscos, pela incerteza e pelo progressivo isolamento do sujeito em decorrência da perda dos vínculos de solidariedade orgânica próprios da vida em comunidade (Blanco y Díaz, 2007). Já o fatalismo coletivista representa o esquema mental orientado por uma atitude submissa e acrítica, dirigida por um Deus superior. O contexto social é, então, compreendido "(...) em ciclos pré-determinados, modelos pré-fabricados de existência subumana, onde um presente de pobreza e adversidades sempre perdura como um fenômeno da natureza, que não se pode mudar" (Nepomuceno, 2003, p. 26-27).

Nesse sentido, o fatalismo está situado “en un punto inconcluso dentro de un continuo em uno de cuyos olos estarían las convicciones y creencias que alimentan y justifican la resignación y la apatía, y en el outro la mera presión hacia la conformidad” (Blanco y Díaz, 2007, p. 554). Por conseguinte, as manifestações do fatalismo necessita de estudos das atitudes próprios da psicologia social, pois os:

(...) pautas, estilos y sentimientos comunes que se imponen por medio de la presión, del exceso de reglamentación, e incluso de la represión conforman una estructura mental en la que concurren los tres componentes que la Psicología social ha manejado tradicionalmente a la hora de abordar el estudio de las actitudes: componente cognitivo, contenidos afectivos y reacciones comportamentales (Blanco y Díaz, 2007, p. 555).

Dessa forma, as atitudes fatalistas são o resultado das manifestações desses três aspectos que, por estarem em constate interação, permitem a compreensão de como os sujeitos desenvolvem as relações de sentido sobre si e o sobre o mundo. A partir do observado ao longo da pesquisa, foi possível a elaboração do quadro 1 síntese das manifestações das atitudes fatalistas pelos jovens pobres.

Quadro 1 - Manifestação do Fatalismo em Jovens em Condições de Pobreza

Idéias	Comportamentos	Sentimentos
Sucesso é fruto do esforço individual e da vontade divina.	Calma aparente.	Diminuição das emoções nocivas – Distanciamiento emocional.
Insegurança e o descrédito nas instituições com o mantenedoras das garantias sociais.	Silenciamento diante de situações desagradáveis.	Indignação diante de elementos do cotidiano manifesta por meio da ironia causadora de polémica.
Diminuição da contribuição e da coerência social.	Diminuição da tomada de iniciativa.	Medo de se expressar.
Propósitos de vida intimamente ligados à dimensão individual		

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Seriam, segundo observado, expressões das **idéias** fatalistas dos jovens a atribuição do sucesso como oriundo do esforço individual e da vontade divina; a vivência da insegurança e do descrédito nas instituições sociais como mantenedoras das garantias sociais; a diminuição dos esforços em intervir para transformar a realidade, o que resulta na diminuição da coerência social dos sujeitos, que é a capacidade dos sujeitos de se manterem informados sobre os acontecimentos do mundo, e na formulação de propósitos de vida diretamente ligados às aspirações pessoais. Do ponto de vista dos **comportamentos**, estariam a calma aparente, a adoção de uma postura silenciosa diante de situações desagradáveis e a diminuição da tomada de iniciativa. Os **sentimentos**, por conseguinte, estariam ligados ao distanciamento emocional dos jovens frente às situações recorrentes e desagradáveis do cotidiano; a indignação manifesta por meio do uso de expressões de ironias causadoras de polêmicas em detrimento do uso do diálogo problematizador e o receio de expressar os sentimentos.

### **As manifestações do fatalismo**

Observando-se as reflexões relativas ao fatalismo, os comportamentos atribuídos aos jovens como sendo de passividade, desesperança, apatia, indiferença e rebeldia ganham uma nova conotação, pois passam a ser vistas dentro de um contexto social, político e econômico contemporâneo, que oferecem aspectos peculiares para a constituição da juventude pobre.

No caso dos jovens pesquisados, a compreensão das idéias fatalistas compartilhadas foi apresentada a partir dos caminhos que acreditam ser possíveis para a mudança da realidade social, da maneira como vivenciam os fatos, da evocação de figuras divinas e da visão de futuro que possuem. Os jovens demonstraram dificuldades de construir mentalmente aqueles que poderiam ser os caminhos para a mudança da realidade social. Eles apresentam visões reducionistas de uma realidade que parece cristalizada e não se colocam como agentes realizadores de mudanças. Chico acredita na impossibilidade de transformação do que vê acontecer em sua comunidade. Segundo ele, "*Como tá, acho que não se pode mudar, porque a gente vê nas reportagens menino de 12 a 17 anos assaltando, só nessa faixa*"(Chico).

Embora consigam expressar seus incômodos diante dos elementos cotidianos, compreendê-los dentro de um contexto ampliado implica em desafio para os jovens. Após ser indagada pela entrevistadora sobre como acreditava que o Brasil poderia melhorar, a jovem Karla declarou: "*Tendo menos corrupção, usando melhor o dinheiro público... Pelo fato de ter tanto ladrão...*".

Contudo, é interessante notar que, mesmo sendo difícil para os jovens construírem mentalmente caminhos para a transformação social, à nível individual seus projetos de futuros são formulados em dependência de um esforço que é pessoal e conta com o auxílio de forças superiores. O fatalismo no cotidiano dos jovens pode, portanto, expressar-se por meio da adoção de sistemas explicativos baseados em lógicas randômicas, aleatórias, segundo a qual pouco ou nada pode ser feito no decurso da vida social a fim de evitar situações desagradáveis, sendo resguardados elementos da ordem do esforço para mudança de sua vida individual.

Dessa forma, percebe-se que mesmo se eximindo da responsabilidade de intervir em favor da diminuição das conseqüências desagradáveis de certas ações, isto não quer dizer que o jovem perca todo o seu potencial de ação frente aos seus anseios individuais. A associação entre fatalismo e impotência (Guzzo y Lacerda Júnior, 2007), como a incapacidade do indivíduo em reagir, reduz a compreensão sobre as manifestações do fatalismo. Com efeito, o que se quer enfatizar são suas expressões menos evidentes, mas que contribuem para a perpetuação de modos de subjetivação ancorados na submissão e resignação dos indivíduos frente à vida em sociedade.

De acordo com Abello-Lhanos *et al.* (2009) em pesquisa realizada com pessoas desabrigadas, estes sujeitos afirmaram não possuir tempo nem energia para contribuir com algo para a sociedade. O fatalismo vai, então, sendo progressivamente associado à diminuição da contribuição social, que seria a capacidade vislumbrada pelos sujeitos de intervir para transformar sua realidade, e à redução da coerência social. Esta última se dá à medida que as pessoas "(...) pierdan un interés por mantenerse informados sobre lo que acontece en el mundo y por entender el por qué de dichos eventos, especialmente si estos ocurren de modo ineludible y dependen del destino" (Abello-Lhanos *et al.*, 2009, p. 464).

Os jovens compartilham, ainda, singularidades na maneira com que compreendem os fatos cotidianos. Segundo eles, o êxito obtido nas atividades empreendidas está relacionado tanto à sorte, ao acaso, como à intensidade de seus esforços pessoais. Para a jovem Marina, "*Eu tive sorte de vir me inscrever, nem tava no curso ainda, mas já ser chamada pra entrevista*". A consideração dos elementos concretos cotidianos como influenciadores do insucesso é, então, colocado em segundo plano, sendo a responsabilidade própria dos sujeitos e de forças superiores. Este último aspecto está próximo da concepção de fatalismo coletivista de que fala Blanco y Díaz (2007) e que pode vir a culminar no risco da disseminação da passividade e do conformismo em virtude da descrença na relevância de se esforçar para mudar algo que parece inalcançável.

O descrédito apresentado pelos jovens nos governantes, como responsáveis pela garantia de melhorias para a população, designa um das manifestações de atitudes fatalistas. Afinal, a impossibilidade das instituições, como responsáveis pelas garantias sociais, é fruto do limite controlado dos perigos característicos das sociedades atuais (Blanco y Díaz, 2007). Chiquinha exemplifica esta situação ao afirmar: *"(...) porque, na minha opinião, se eu fosse esperar pela prefeita que nós temos e o governador... Ia ser sempre a mesma coisa: alunos em frente à porta deles esperando eles saírem pra agredir eles com raiva..."*.

Os jovens apresentam visões de futuro eminentemente relacionadas a projetos individuais que podem ou não vir a perpassar o bem-estar de seus familiares mais próximos. Os desejos vão da conquista de um bom emprego, abertura de um negócio próprio, aquisição de bens, garantia de melhores condições de vida para os familiares até a aprovação em concurso público. Marina afirma: *"Eu pretendo, ter minha casa própria, cursar uma faculdade, só que ainda não sei o curso, ter meu emprego, ah, essas coisas..."*.

Luana, embora afirme desejar mudar sua realidade no futuro, diz não saber, no presente, como este caminho de transformação pode vir a acontecer. A incerteza do amanhã caminha juntamente à necessidade cotidiana de assegurar o mínimo necessário para a subsistência dos irmãos.

*Futuramente não sei como é que vai ser. Mas hoje, assim, eu não vejo nenhuma solução. Eu tento seguir dessa mesma forma, vou trabalhar, pra ter dinheiro no mês, pra poder sustentar a família né? Trabalhar e cuidar deles, só isso que eu vejo hoje... né?* (Luana).

Diante da busca pela sobrevivência, ocorre que os sujeitos vão sendo direcionados para as dimensões mais individuais e particulares. Uma das características do fatalismo na atualidade não é, portanto, a ausência do desejo de obtenção de melhorias de vida, mas sim a centralização dos intuitos em uma esfera reduzida de bem-estar individual, colocando em segundo aspecto questões relativas ao bem-estar coletivo.

Não se trata, portanto, da afirmativa de que os sujeitos que manifestam atitudes fatalistas necessariamente vivem em profundo estado de torpor e apatia. Ao contrário, a desconfiança na sociedade e a centralização dos intuitos na esfera individual são elementos que merecem ser considerados.

Este distanciamento dos problemas coletivos e a falta de iniciativa para o desempenho de ações que beneficiem todos não são acompanhados de uma total apatia frente às necessidades pessoais dos indivíduos, pois isto não os impede de formular objetivos pessoais. Os problemas sociais são convertidos em problemas pessoais (Martín-Baró, 1995).

Ocorre que a sociedade, *locus* primeiro de perpetuação do fatalismo (Cidade, Moura Júnior y Ximenes, 2012) passa a ser vista pelos sujeitos como ambiente inóspito, potencialmente capaz de lhes oferecer situações desagradáveis e dotada de uma constituição impossível de ser transformada pelos sujeitos. Estes voltam para si, para seus propósitos pessoais. Já que não é possível esperar nenhuma mudança positiva da realidade, qualquer transformação vivenciada deve partir de seu próprio esforço e dedicação. Trava-se, com isso, uma luta solitária. Juntamente aos propósitos cada vez mais individualistas, está também a associação entre o desejo que pretende alcançar no futuro e a dependência de sua realização de uma vontade divina. O jovem Chico afirma acreditar que há um Deus que direciona seu caminho.

*Daqui a dez anos eu pretendo entrar na marinha, se Deus permitir, né?. Mas se Ele não permitir, eu quero me tornar um empresário em algum ramo que dê pra mim sustentar minha família, que eu seja próspero e bem sucedido na vida e no trabalho.*

Há, com isso, uma divindade, concepção própria da identidade de oprimido e explorado (Góis, 2008), que orienta e é vista como responsável por ações que futuramente resultarão no alcance dos objetivos pretendidos. O presente também se deve a uma divindade a quem os jovens agradecem por sua situação. João declara: “*Graças à Deus vou terminar esse ano. Se Deus quiser!*”

Ser uma "mulher de fé" é, para a jovem Luana, aceitar por meio de uma crença resignada que as dificuldades do cotidiano como condicionalidades para o alcance de um futuro melhor. Diante de tamanha necessidade de confiança em um ser superior que é sábio em sua essência e conduz os caminhos dos indivíduos, as lamúrias seriam indicações de que suas expressões de fé não são suficientes a ponto de confiarem seus caminhos à Deus.

*As pessoas sempre falam muito em ser uma mulher de fé. Porque se tive alguns momentos difíceis é porque não sou uma mulher de fé...Eu peço a Deus que me dê mais fé. (...) Porque vou confiar nas promessas de Deus. Tenho certeza que vai dar tudo certo. Deus não vai dar um fardo pra eu carregar, né? (Luana).*

As dificuldades são "provações" para um futuro melhor. Há referência a insegurança diante dos próprios sentimentos e conflitos, pois o conflito do outro e sua dor são maiores. Se, por um lado, na fala de Luana há uma referência clara de sua compreensão sobre a influência de Deus nos acontecimentos, Karla acredita na existência de uma força maior responsável pelos fatos. Segundo ela,

*A última coisa que eu coloco a culpa é em Deus, até porque eu acredito que ele não tem culpa. Se acontecer é porque tinha que acontecer, eu não pude impedir. Ele não teve culpa. Até porque eu tive o livre-arbítrio de fazer ou não fazer. Ele não teve culpa. Eu agradeço tanto se foi bom ou ruim o dia (Karla).*

Para ela, o livre-arbítrio, apregoado pelo catolicismo, aparece como auto-responsabilização pelos indivíduos de suas ações. O agradecimento à Deus se o dia foi bom ou ruim representa a resignação frente a um presente não muito bom com base na promessa de um dia seguinte melhor. Sobre este aspecto religioso, afirma Martín-Baró (1998) que:

La religión del orden ofrece al hombre una explicación 'divina' de su situación intramundana y, por otra, le ofrece como salida la intervención de Dios y su juicio final transmundano (p. 249).

O fatalismo com que os povos latino-americanos têm aceitado seu destino pessoal representa, segundo Martín-Baró (1995), um claro indício da interiorização da violência estrutural, perpetuado ao longo de gerações por meio de ideários religiosos. É necessário, contudo, perceber que a fé resignada em um ser todo poderoso não traz apenas elementos negativos para os sujeitos. Ao contrário, ela funciona ainda como alternativa para manutenção da estabilidade emocional mediante a promessa de um futuro melhor.

A fé passa a se constituir como fonte primeira de força para enfrentar as adversidades. A jovem Luana, diante da foto que intitulou de "Porto Seguro", declarou: *"Eu falei porto seguro, porque quando estou em paz, em oração, Deus me ajuda a não desistir, a me dar forças pra eu continuar lutando. Tenho certeza que ele vai me ajudar, que ele sempre tá presente"*. Nesse sentido, a fé resignada, expressão do fatalismo coletivista, constitui-se como expressão de atitudes fatalistas. Evidencia-se "a dificuldade de construção de cadeias lógicas de compreensão dos fatos à medida que o processo histórico que o ocasionou é ignorado ou distorcido pelos sujeitos" (Cidade, Moura Júnior y Ximenes, 2012, p. 94).

A crença em uma ordem superior pré-estabelecida auxilia também no distanciamento emocional dos fatos cotidianos, como estratégia para lidar com o que desagrada. A adoção deste tipo de postura evita a instalação da dissonância cognoscitiva, termo criado por Leon Festinger (1919-1989) e presente na obra de Martín-Baró (2003). Ela se refere à uma situação de desequilíbrio originada do mal-estar psíquico produzido diante de dois conhecimentos contraditórios que de algum modo implicam em incoerência. Uma vez distante emocionalmente do que incomoda, não há a instalação do desequilíbrio necessário para impulsionar os sujeitos à superação, o que traz como ponto negativo a manutenção das situações de incoerência.

No plano dos sentimentos expressos relativos às manifestações das atitudes fatalistas nos jovens pobres, estão aqueles relacionados aos afetos oriundos da observação e vivência da pobreza, as expressões de indignação, humor e ironia e medo. Diante da pobreza, os jovens afirmam se sentirem tristes, impotentes e compadecidos com a dor do outro. Beatriz frente à observação da situação de privação vivida por um membro da comunidade declara: *“Aí ela tem 3 filhos e ela, meu deus, coitada, só de olhar pra ela já dá pena”*.

Para os jovens, a compaixão e o sentimento de incapacidade de transformar esta realidade social estão também relacionados à indignação diante da comparação entre o valor obtido com a venda de drogas e sua remuneração, das práticas dos recorrentes assaltos existentes na comunidade e do desinteresse apresentado por outros colegas participantes do Projeto Jovem Aprendiz. Embora indignados com a situação que observam, os jovens demonstram medo de denunciar as práticas ilícitas observadas na comunidade. Segundo Beatriz, *“Lá perto de casa tem uma família lá que nem é toda errada, mas o patriarca da família ele é errado. A gente sabe das coisa dele errada. Só que a gente tem medo de denunciar”*. Este sentimento está, portanto, relacionado à descrença nas instituições, como promotoras da justiça social. A denúncia, para eles, pouco ou nada altera a realidade e pode incorrer no risco de represálias contra os moradores. A jovem Karla, por sua vez, menciona o receio de se expressar pelo risco de magoar aqueles por quem tem afeto. Ela afirma, *“Aí, quer dizer que não falo nada pra ninguém? Eu só falo pra ele. Até pra ele também chego a guardar coisas, mas é só por medo de magoar”* (Karla).

O humor aliado aos elementos de ironia são também recorrentes nas falas dos jovens. Eles se valem destes recursos para descrever acontecimentos cotidianos, sejam eles desagradáveis ou não. Karla, ao descrever a relação conflituosa com a colega de trabalho, menciona:

“*Tem dia que ela chega e diz: ‘Hoje eu não tou boa. Hoje eu vou descontar não sei o quê...’. Aí eu: ‘pronto! Eu tou a mercê boiando no Siqueira’ [risos]*”. Diante da imprevisibilidade do comportamento da colega e da possibilidade de antecipação de situações desagradáveis, a jovem se utiliza do humor para descrever aquilo que seria seu receio em permanecer à deriva do estado emocional de sua colega.

Segundo Abellho-Lhanos *et al.* (2009, p. 462), uma característica das pessoas que compartilham altos índices de fatalismo poderia ser o sentimento de estarem satisfeitas com suas vidas. Esta satisfação seria decorrente da crença de que é um ser supremo o responsável pelo seu destino e as mudanças são de responsabilidade da vontade de tamanha autoridade. Contudo, a observação das expressões de ironia compartilhadas pelos jovens, aliadas à capacidade que demonstraram de se indignar e sentir medo diante do que vivenciam, fornece elementos para a reflexão de que eles encontram alternativas para demonstrar o descontentamento diante de situações em que deles se esperaria esta aparente calma e aceitação passiva. Afirma-se, com isso, a prerrogativa de Fanon (2001) e Góis (2008) de que mesmo frente às situações promotoras de sofrimento a dominação do homem nunca é completa. Afinal, como apresentado por Trombeta y Guzzo (2002), esta capacidade do indivíduo de reagir ao sofrimento imposto precocemente poderia ser uma manifestação de seu poder resiliente. Com isso, tem-se que os resilientes na verdade são sobreviventes que se ampararam na força, coragem e conhecimento profundos da dor frente à situações de miséria, opressão e injustiças vivenciadas na infância. A pessoa resiliente, portanto, teria a habilidade de reagir, de deixar o sofrimento para trás e recuperar-se. Essa capacidade, que também tem a função de proteção, emerge como potencial de auto-reparação a partir da adversidade.

A resiliência, contudo, não é uma herança do sujeito, tendo sua manifestação variáveis definidas. Assim como o fatalismo, a resiliência aparece “(...) em diferentes grupos étnicos, de diferentes níveis socioeconômicos e diferentes contextos culturais” (Trombeta y Guzzo, 2002, p. 27). Em face de todas as circunstâncias de estresse crônico e trauma psicossocial pode-se falar que há, em jovens pobres, um potencial resiliente? Seria o próprio fatalismo, com suas peculiares formas de manifestação, uma expressão do potencial adaptativo desses jovens frente às condições adversas? O fatalismo apresenta similaridades com a adaptação resiliente, pois está engendrado em um movimento de resistência, de manutenção, até mesmo, da saúde mental desses sujeitos, que podem se valer das mais variadas estratégias para lidar com seus incômodos e manifestar seus desgostos.

Sob o aspecto comportamental, dentre as ações frente às situações desagradáveis estão a afirmativa dos jovens de buscarem a superação, graças ao incentivo de outras pessoas, do desconforto decorrente de situações de insucesso. Diante da antecipação de situações de insucesso no futuro, os jovens declaram serem possuidores de capacidade de superação. Maria questiona: *“Ah, mas aí porque que eu não vou conseguir? Se a pessoa quer, trabalha, ela consegue. A gente nunca deve parar, sempre continuar!”*.

### **Considerações parciais**

A observação dos conteúdos oriundos da pesquisa possibilita enfatizar o potencial adaptativo inerente às manifestações do fatalismo. O risco inerente a esta perpetuação na atualidade consiste no fato de que são as ameaças incontroláveis atuais, tais como a destruição do meio ambiente, as ameaças do terror fanático, o desemprego, a exclusão social dentre outros, as responsáveis pela manifestação de um fenômeno psicossocial característico de sociedades que perpetuam a insegurança psicológica como estratégia de dominação. Afinal, diferentemente do contexto de guerra civil, de que fala Martín-Baró (1998), a situação atual dispõe sobre as conseqüências oriundas da guerra psicológica, construída pela desigualdade social, pobreza, violência e exclusão social.

As manifestações do fatalismo pelos jovens pobres foram concebidas neste estudo em termos das idéias, sentimentos e comportamentos por eles compartilhados. No que concernem as idéias, percebeu-se que os jovens centralizam em seus próprios esforços a possibilidade de mudança da realidade, concebendo que, em certo sentido, seria uma entidade divina responsável pela definição final do curso de suas vidas e de suas possibilidades no futuro. Há uma centralização nos anseios individuais em detrimento de projetos coletivistas. Os sentimentos, por sua vez, são expressos por meio dos conteúdos afetivos relacionados à pobreza, muitas vezes associados à sentimentos de pesar e impotência diante de uma situação social que parece superior a sua capacidade de mudanças, as manifestações de indignação, humor e ironia, bem como de medo. Já os comportamentos, dispõem sobre as ações adotados diante de situações que julgam desagradáveis e da falta de iniciativa.

Contudo, como limitações desta pesquisa, percebe-se a impossibilidade de dar conta de todas as possibilidades de manifestação do fatalismo expresso pelos jovens que vivem em condições de pobreza.

Ao contrário, pretende-se denunciar o caráter nocivo existente em uma vida marcada por vivências de privação, que contribui para a deturpação do real e para um progressivo distanciamento dos sujeitos na potencialidade de empreender projetos coletivos para a realização de mudanças sociais profundas.

Diante do exposto, entende-se que o caminho possível para a superação do fatalismo pelos jovens pobres seria aquele anunciado por uma práxis libertadora “[...] que possibilite o despertar do sujeito enquanto cidadão e construtor da sua própria história como ser coletivo e único, através de uma visão dialética da realidade, na qual influencia e é influenciado” (Ximenes y Góis, 2010, p. 60).

O incentivo à convivência em grupos, a adoção de estratégias que privilegiem ações comunitárias, a condução das aulas de formação tomando como referenciais a problematização e a proposição de alternativas de transformação de elementos cotidianos que incomodam os jovens, o resgate dos fatores influenciadores de suas vidas e o estímulo à reflexão crítica dos modos com que a sociedade se estrutura poderiam, então, se constituir como estratégias para diminuição dos impactos danosos que a vida em condições de pobreza traz para a juventude.

### **Agradecimentos**

À CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior, pelo financiamento da bolsa de Mestrado em Psicologia da primeira autora e ao CNPq mediante o financiamento pelo Edital de Ciências Humanas 07/2011 para a segunda autora.

## Notas

1. Este artigo é resultado da dissertação de Mestrado Acadêmico em Psicologia na Universidade Federal do Ceará (Brasil), intitulada "Juventude em condições de pobreza: modos de vida e fatalismo".
2. Para a elaboração deste artigo, foram consideradas as falas dos jovens Chiquinha, Marina, Karla, Luana, Chico, João, Beatriz e Maria, sendo estes seus nomes fictícios por eles auto-atribuídos.
3. Segundo García (2011), a primeira versão do Atlas Ti foi desenvolvida entre os anos de 1989 e 1992 na Technical University of Berlin. O significado de sua nomeação está associado aos arquivos de tecnologia, da vida das palavras e da linguagem do cotidiano. A extensão 'Ti', por sua vez, quer dizer 'interpretação de texto'.
4. Segundo o dicionário Michaelis (<http://michaelis.uol.com.br>), o termo indolência é originário do latim '*indolentia*' e significa 'preguiça', 'negligência', 'impassibilidade', 'insensibilidade física', 'falta de dor', 'estado de êxtase contemplativo'. Na obra de Martín-Baró (1995, 1998), a indolência do povo latino-americano aparece como uma crítica a deturpada compreensão desta população como estando em um permanente estado de torpor, apatia e preguiça. Ao contrário, Martín-Baró (1998, p. 74) utiliza a expressão "hacer de lo insólito lo cotidiano" ao se referir a capacidade do povo de El Salvador em lidar com uma realidade de guerra durante anos e, mesmo nestas condições de vida, ser capaz de dar continuidade ao seu cotidiano.

## Bibliografia

- Abello-Lhanos, R. (et al.) (2009). Bienestar y trauma em personas adultas desplazadas por la violencia política. Univ. Psychol. Bogotá, 8 (2), 455-470.
- Abramo, H.W. (1997). Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação, 5 (6), 25-36.
- Bardin, L. (2011). Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- Bastos (et al.) (2008). O risco e a possibilidade: ser adolescente em contextos brasileiros. En: Castro, L.R; Besset, V.L. (Orgs). Pesquisa-intervenção na infância e juventude. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 567-586.

Bauer, M. & Gaskell, G. (2002). Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes

Bezerra, L.M.P.S. Sentidos da pobreza e do viver em territórios estigmatizados: versões de moradores do Grande Bom Jardim em Fortaleza-Ce. Trabajo apresentado en la Jornada Internacional de Políticas Públicas, São Luís. Extraído de: <[http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA\\_EIXO\\_2011/DESIGUALDADES\\_SOCIAIS\\_E\\_POBREZA/SENTIDOS\\_DA\\_POBREZA\\_E\\_DO\\_VIVER\\_EM\\_TERRITORIOS\\_ESTIGMATIZADOS.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/DESIGUALDADES_SOCIAIS_E_POBREZA/SENTIDOS_DA_POBREZA_E_DO_VIVER_EM_TERRITORIOS_ESTIGMATIZADOS.pdf)>.

Blanco, A.; Díaz, D.(2007). El rostro bifronte del fatalismo: fatalismo colectivista y fatalismo individualista. Psicothema, 19 (4), 552-558.

Borelli, S.H.S.; Rocha, R.M. & Oliveira, R.C.A (2009). Jovens na cena metropolitana: percepções, narrativas e modos de comunicação. São Paulo: Paulinas.

Bosi, M.L.M. & Mercado, F.J (2007). Pesquisa Qualitativa dos serviços de saúde. Petrópolis: Vozes.

Brasil (2000). Lei nº. 10.097, de 19 de dezembro de 2000. Extraído de: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L10097.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10097.htm)>.

Calimam, G. (2008). Paradigmas da exclusão social. Brasília: Editora Universa, Unesco.

Castro, L.R. (2008). Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. En: Castro, L.R; Besset, V.L. (Orgs). Pesquisa-intervenção na infância e juventude. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 21-42.

Cidade, E.C.; Moura Júnior, J.F. & Ximenes, V.M. (2012). Implicações Psicológicas da vida em condições de pobreza para o povo latino-americano. Psicologia Argumento, Curitiba, 30(68).

Fanon, F. (2001). Los condenados de la tierra. México: FCE.

Freitas, M.T.A. (2002). A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. Cadernos de Pesquisa, 116, 21-39, 2002.

García, I.(2011). Workshop Intensivo Atlas Ti. En: Workshops e Treinamentos Intensivos em Atlas Ti, São Paulo: Tree Branding.

Góis, C.W.L. (2008). Saúde Comunitária: pensar e fazer. São Paulo: Editora HUCITEC.

Guzzo, R.S. L.; Lacerda Júnior, F (2007). Fortalecimento em Tempo de Sofrimento: Reflexões Sobre o Trabalho do Psicólogo e a Realidade Brasileira. Rev. Interam. Psi., 41 (2), 231-240.

Hoppenhayn, M. (Org.) (2004). La juventud en Iberoamérica: tendencias y urgencias. Santiago de Chile. Extraído del Sítio de la Organización Iberoamericana de Juventud/CEPAL : <[http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/6/20266/CEPAL\\_OIJ.pdf](http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/6/20266/CEPAL_OIJ.pdf)>.

Jaspard, J.M. (2004). Significação religiosa do sofrimento e posição psicológica na fé. Rev. Psi. USP, 15 (3), 191-212.

Lane, S.T.M. (1984). Consciência/alienação: a ideologia no nível individual. En: Lane, S.T.M.; CODO, W. Psicologia Social: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense.

Martín-Baró, I. (1984). Guerra y salud mental. Estudios Centroamericanos, 503-514.

Martín-Baró, I. (1988). La violencia política y la guerra como causas en el país del trauma psicosocial en El Salvador. Revista de Psicología de El Salvador, 28, 123-141.

Martín-Baró, I. (1995). Processos Psíquicos y Poder. En: MARTÍN-BARÓ, I. Psicología de la Accion Política. Buenos Aires: Paidós, 205-233.

Martín-Baró, I. (1998). Psicología de la liberación. Madrid: Trotta.

Martín-Baró, I. (2003). Poder, ideologia y violência. Madrid: Trotta.

Minayo, M.C.S. (2008). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec.

Nepomuceno, L. B. (2003). Nordestinos e Nordestinados: elementos para uma reflexão psicossocial sobre subdesenvolvimento no Brasil. Monografia (Graduação), Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

PNUD (2010). Indicador do RDH avalia novas dimensões da pobreza mundial. 2010. Extraído del Sítio del Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo: <<http://www.pnud.org.br/noticias/impressao.php?id01=3597>>.

Ribeiro, K.G. (2008). Biodança e Saúde Percebida: um olhar biocêntrico sobre a saúde. Dissertação (Mestrado). Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Brasil.

Sen, A. (2000). Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das Letras.

Trombeta, L.H.A.P & Guzzo, R.S.L.(2002). Enfrentando o cotidiano adverso: estudo sobre resiliência em adolescentes. Campinas: Alínea.

Universidade Estadual do Ceará (2011). Mapa da Criminalidade e da Violência em Fortaleza: perfil da SER V. 2011. Labvida. Extraído del Sítio de la Universidade Estadual do Ceará: <[http://www.uece.br/labvida/dmdocuments/regional\\_V.pdf](http://www.uece.br/labvida/dmdocuments/regional_V.pdf)>.

Ximenes, V.M. & Góis, C.W.L. (2010). Psicologia Comunitária: uma práxis libertadora latino-americana. En: Lacerda Júnior, F. & Guzzo, R.S.L. (Org.) Psicologia & Sociedade: interfaces no debate sobre a questão social. Campinas, SP: Alínea.